

Violência verbal e argumentação nas redes sociais: comentários no *Facebook*

Verbal Violence and argumentation on social network sites: coments on *Facebook*

Ana Lúcia Tinoco Cabral¹
Universidade de São Paulo
Pontifícia Universidade de São Paulo
altinococabral@gmail.com

Resumo: O trabalho apresenta a análise de comentários da rede social *Facebook*, focalizando a construção argumentativa na interação e observando a violência verbal como estratégia argumentativa. A base teórica contempla o conceito de intencionalidade (Sandig, 2009), os estudos de argumentação (Ducrot, 1984; Plantin, 1996; Amossy, 2006), conceitos relativos às interações em ambientes digitais (Seara; Cabral, 2017; Graham; Hardaker, 2017; Maíz-Arévalo, 2019) e fundamentos da impolidez e da violência verbal (Culpeper, 2011; Kádár, 2019; Terkourafi, 2008). Um *post* do *Facebook*, sobre a violência contra a mulher, provocou comentários, os quais suscitaram respostas de outros usuários. Foram analisados comentários e suas respostas, com vistas à verificação da construção argumentativa e da função das marcas de violência nessa construção. As análises permitem observar que, no contexto das interações no *Facebook*, o conjunto de comentários constitui um texto co-construído e argumentativamente orientado, no qual a violência verbal cumpre importante função argumentativa.

Palavras-chave: argumentação; violência verbal; redes sociais.

Abstract: The paper presents analysis of comments from the social network site *Facebook*, focused on the argumentative construction during interaction and observing verbal violence as an argumentative strategy. The theoretical basis includes the concept of intentionality (Sandig, 2009), the argumentation studies (Ducrot, 1984; Plantin, 1996; Amossy, 2006), the concepts related to interactions in digital environments (Seara; Cabral, 2017; Graham; Hardaker, 2017; Maíz-Arévalo, 2019) and the

¹ Doutora em Língua Portuguesa; Docente do PROFLETRAS de São Paulo e Pesquisadora do IP-PUCSP.

grounds of impoliteness and verbal violence (Culpeper, 2011; Kádár, 2019; Terkourafi, 2008). A post about violence against woman displayed on Facebook raised comments, which provoked responses from other users. The selected comments were analyzed to figure their argumentative building and the function of violence marks on it. Analyses allow noticing that, in the context of Facebook interactions, the set of comments and their responses, which represent a co-produced and argumentative text, verbal violence fulfills an important argumentative role.

Keywords: argumentation; verbal violence; social networks sites

Introdução

As pesquisas envolvendo questões de polidez, impolidez e violência verbal normalmente focalizam interações verbais orais que se reportam a fundamentos teóricos da pragmática e da análise da conversação. As alterações nas formas de convivência propiciadas pelo desenvolvimento das tecnologias digitais e o advento das redes sociais trouxeram profundas transformações nas formas de interagir. Se os espaços de convivência antes eram restritos “aos círculos sociais de vivência como trabalho, família, escola, esporte, igreja, entre outros, passaram também a comportar ambientes digitais, em plataformas de redes sociais, como o *Facebook*” (Cabral; Lima, 2018, p. 40); a interação oral, anteriormente predominante nos contextos de convivência, perdeu seu protagonismo nas redes sociais, espaço em que o texto escrito é a forma mais frequente de manifestação dos usuários.

Considerando o protagonismo das redes sociais na vida em sociedade no século XXI e importância do texto escrito para as interações que ocorrem nos espaços das redes sociais, cabe aos pesquisadores da Linguística de Texto, voltarmos nossa atenção para esse fenômeno textual tão atual e ainda tão pouco explicado do ponto de vista textual. Cabe refletirmos sobre as perspectivas que as pesquisas sobre texto podem nos oferecer para compreendermos as interações verbais escritas que ocorrem nas redes sociais e os limites que ainda encontramos para melhor compreendê-las.

Voltando-nos para a violência verbal mencionada na primeira linha deste texto, situando-a no contexto das redes sociais e buscando articulá-la aos fenômenos textuais, cabe perguntar que aspectos textuais e linguísticos podem ser pertinentes para analisarmos as interações verbais violentas que ocorrem nas redes sociais. Tendo como pressuposto que a argumentação é um fenômeno que perpassa as interações humanas, cumpre também questionar como a violência verbal atua na construção da argumentação.

Postas essas questões, nosso objetivo neste texto é, com base em breve análise de casos concretos de interações verbais ocorridas na rede social *Facebook*, apresentar algumas reflexões que nos permitam compreender um pouco das interações verbais violentas, encarando-as como fenômenos textuais discursivos e argumentativos. Para o cumprimento deste objetivo, este trabalho apresenta quatro partes: na primeira parte, apresentamos algumas questões relativas ao conceito de texto e seu estatuto interacional discursivo e argumentativo; na segunda parte, desenvolvemos conceitos que consideramos pertinentes para tratar da violência verbal nas interações em redes sociais; na terceira parte,

discorreremos brevemente sobre a rede social *Facebook*; na quarta parte, com base nos fundamentos apresentados nas seções anteriores, analisamos dois exemplos concretos de interação nas redes sociais, ou seja, apresentamos a análise de comentários do *Facebook*. Na conclusão, retomamos as questões postas e apresentamos breves reflexões sobre elas, com base nas análises realizadas.

Texto, interação e argumentação

O desenvolvimento das pesquisas linguísticas ocorrido na segunda metade do século XX, motivado pelas mudanças socioculturais e históricas e propiciado também pelo rápido desenvolvimento tecnológico, reconfigurou a forma como compreendemos a linguagem e, por consequência, o texto. O texto, que antes era considerado como um produto, pronto, acabado, atualmente é visto como um processo de construção de sentidos, no qual interagem produtores de textos orais e escritos, visando a determinado objetivo. Podemos assim afirmar que o texto assume, no contexto social do século XXI, um caráter fundamentalmente discursivo. O fato é que, para agirmos socialmente, produzimos textos, ou seja, ativamos nossos conhecimentos e nossas intenções, realizamos escolhas e organizamos a materialidade linguística. Desse ponto de vista, defendemos que

[...] o texto é um evento sociocognitivamente situado em contextos de interação; ele se dá num quadro enunciativo, numa relação intersubjetiva entre produtores de textos que operam escolhas linguísticas e organizam a materialidade textual em função de um propósito enunciativo, o que implica uma visada argumentativa. (Cabral, 2016, p.39)

Quando mencionamos o propósito enunciativo, estamos referindo um querer dizer do produtor, ligado à intencionalidade e à argumentação. O conceito de argumentação não diz respeito apenas à ideia de convencimento, ou seja, de levar o interlocutor a alterar suas formas de agir ou de pensar, mas também, e especialmente, no contexto deste trabalho, à construção de um ponto de vista, ou de uma dimensão argumentativa, conforme postula Amossy (2006). Essa estudiosa do discurso argumentativo propõe o conceito de graus de argumentatividade e distingue visada argumentativa, ou intensão argumentativa, de dimensão argumentativa. Apoiando-se em Plantin (1996), para quem toda palavra é argumentativa, Amossy (2006) considera que há discursos que influenciam os interlocutores sem que, para tanto, se assumam um empreendimento argumentativo propriamente; esses discursos apresentam um ponto de vista, o qual exerce, é claro, alguma forma de influência sobre os demais participantes da interação, pois o discurso não se dá no vazio nem se circunscreve a si mesmo, ele é voltado para o mundo, para o outro. Devemos ter em mente que o texto é um evento situado socialmente e discursivamente e, desse ponto de vista, no diálogo discursivo, há um movimento em direção ao outro, que busca de adesão.

É também nesse sentido que Sandig (2009, p. 47) ensina:

Os textos são múltiplos: numa comunidade, eles têm de realizar as mais diversas funções acionais e comunicativas. Para as funções sociais padronizadas, dispomos de categorias de

textos (ou seja, de padrões textuais), e essas, por sua vez, ao serem realizadas nas comunicações concretas, têm que ser adaptadas às diferentes condições prévias e às finalidades individuais que caracterizam uma dada situação.

Chamamos a atenção para a palavra “função” na citação de Sandig (2009). A autora considera a multiplicidade de textos ligada a funções sociais também diversas e nos remete ao conceito de gênero, fundamental para a compreensão das diversas manifestações textuais para o convívio social. Essa visão evidencia a complexidade do fenômeno textual, colocando-o no centro das relações humanas na vida em sociedade, no cerne das ações discursivas. Por isso é que Sandig (2009, p. 57) afirma que os textos “são usados em situações (situacionalidade) para resolver problemas na sociedade (intencionalidade/função textual)”; segundo essa autora, os textos são “geralmente unidades complexas”.

De fato, muitas são as possibilidades de construção textual na atualidade, ampliadas certamente pelas tecnologias digitais, o que, se, de um lado, permite muitas formas de interação, de outro, torna a compreensão do fenômeno textual mais complexa pela multiplicidade de possibilidades discursivas que se nos apresentam. Assim, não podemos desconsiderar que o texto é “marcado pelas infinitas possibilidades que os recursos digitais oferecem especialmente para as interações nas redes sociais” (Cabral, 2016, p. 143), o que, conforme Cabral (2016), nos leva a repensar o estatuto do texto, tendo em vista que ele pode “ultrapassar os limites de sua materialidade, estendendo seu escopo a outros textos, que se incorporam a ele (Cabral, 2016, p. 147). Para essa autora, essa extensão do escopo textual “é um fenômeno corriqueiro nos contextos digitais, como as redes sociais, que são marcadas pela interação e pelo diálogo, que se torna constitutivo do texto” (Cabral, 2016, p. 147) e, conseqüentemente, da construção discursiva. Desse ponto de vista, o texto é encarado como um objeto co-construído e, por conseqüência, pode ser lugar da defesa de variados pontos de vista em confronto.

Quando afirmamos com Plantin (1996) que toda palavra é argumentativa, para além do conceito de argumentação marcada nas palavras da língua, proposto por Ducrot (1984), consideramos que o ato de enunciar, sendo resultado da tomada de palavra em determinado contexto, é dirigido a outrem e implica sempre um agir sobre o outro de alguma forma, no sentido de incitá-lo a agir, ou a pensar diferente. O discurso, desse ponto de vista, é situado e tem efeitos sobre os envolvidos na situação discursiva. Assim também acontece nas interações entre usuários do *Facebook*, foco de nossas análises neste trabalho. Tal postura teórica dialoga diretamente com nosso propósito neste texto, que é, como explicitado na Introdução, verificar como, no tecido textual construído pela troca discursiva entre usuários do *Facebook*, a violência verbal atua estrategicamente na argumentação. Na próxima seção, abordaremos o fenômeno da violência verbal, procurando situá-la no contexto da argumentação e das redes sociais.

Violência verbal, interação e argumentação em redes sociais

A vida em sociedade implica normas de boa convivência para assegurar a harmonia entre os cidadãos. Afinal, como bem observa Kerbrat-Orecchioni (2017), o contato social representa sempre um risco para os sujeitos em interação, risco de serem avaliados, de serem rejeitados, de serem agredidos

enfim, pois, como bem observa a autora, “a maioria dos atos de fala que realizamos ao longo de nossa vida cotidiana é potencialmente «ameaçador»” Kerbrat-Orecchioni (2017).

A problemática do respeito a normas sociais para a preservação da harmonia nas interações tem sido tradicionalmente tratada pela teoria de polidez postulada por Brown e Levinson (1999), que se inspiraram nos conceitos de território e de trabalho das faces propostos por Goffman (1981), aliados aos princípios de cooperação propostos por Grice (1989). Tal teoria, tal como o postula Kerbrat-Orecchioni (2017), pressupõe a ocorrência de uma interação social, a qual demanda estratégias de polidez para a preservação da harmonia. As pesquisas sobre impolidez têm igualmente recorrido aos postulados de Brown e Levinson (1999), especialmente ao conceito de ameaça às faces.

Criticando modelo brown-levinsoniano, Kádár (2019) observa que os estudos da impolidez, no qual podemos incluir a violência verbal, deve ser mais amplo do que apenas a verificação de ameaças a faces; para esse autor, “vários fatores podem influenciar o uso e a interpretação de (im)polidez, como as emoções de uma pessoa, a histórica relacional dos interactantes, entre outros”.

Kádár (2019) defende a existência de rituais de interação (im)polida, os quais, segundo ele, definem as relações interpessoais pertinentes a determinado contexto discursivo e nos quais ocorrem transformações nas relações interpessoais.

Na esteira de Kádár (2019), acreditamos ser importante ir além da questão da ameaça às faces; não buscamos, entretanto, investigar o caráter ritual da impolidez e da violência verbal, mas verificar como a violência verbal constitui uma sofisticada estratégia argumentativa, apesar de o fenômeno da violência ser considerado uma forma de transgressão de normas sociais esperadas para determinados contextos. Assim, o foco não é a ameaça à face, ou a preservação desta, mas o uso estratégico da violência na argumentação em determinado contexto e seus efeitos de sentido em interações em que a violência tem se mostrado um fenômeno recorrente, como é o caso das redes sociais.

As redes sociais são espaços essencialmente de interação, motivo pelo qual cumpre considerar alguns conceitos relativos às interações. Um elemento central nas interações são os participantes e o tipo de relações que os une, conforme já destacaram Cabral e Albert (2017), com base nos postulados de Kerbrat-Orecchioni (1992). De acordo com Cabral (2014, p. 499), são importantes “a relação social e afetiva, que estabelece a proximidade entre interlocutores, e o contrato social que os une”; é fato que uma maior proximidade entre interlocutores faz com que as relações sejam mais igualitárias, com pouca hierarquia de poderes. Essa igualdade chancela maior liberdade na interação e menor cuidado relativamente à transgressão de norma sociais, o que pode levar à violência verbal.

Kerbrat-Orecchioni (2014) já destacou que a impolidez pode se caracterizar pela simples falta de procedimentos polidos; entretanto, conforme essa mesma autora, há situações em que encontramos claramente atos verbais de violência e até insultos. Diferentemente de Kerbrat-Orecchioni (2014), Culpeper (2011) defende que a impolidez tem um caráter intencional, pois diz respeito a um comportamento cuja intenção é agredir; o mesmo se pode afirmar a respeito da violência verbal. Esse estudioso, no entanto, destacando a importância do contexto em que se dá a interação, observa que, “apesar de alguns comportamentos verbais serem tipicamente impolidos, eles não serão sempre impolidos – depende da situação.” (Culpeper, 2011, p. 22). Na mesma direção, Mills (2017) defende que polidez é um sistema desenvol-

vido por indivíduos em um contexto social, o que reforça a importância do contexto para a avaliação da impolidez.

Com respeito ao caráter intencional da violência, recorremos a Cabral e Lima (2017), para quem a violência constitui uma estratégia eficaz quando a intenção é desqualificar o interlocutor; essas autoras destacam, na esteira de Culpeper (2011), a necessidade de marcas linguísticas, como palavras de sentido pejorativo, palavras de baixo calão, entre outras. De fato, o insulto, conforme definido pelo dicionário, é uma “palavra, atitude ou gesto que tem o poder de atingir a dignidade ou a honra de alguém” (Houaiss; Villar, 2001, p. 1629). Isso quer dizer que o insulto se dá pela linguagem, o que reforça o posicionamento de Culpeper (2011) e de Cabral e Lima (2017) a respeito da necessidade de se marcar linguisticamente a violência, sobretudo nas redes sociais, em que as interações se dão primordialmente por meio da linguagem verbal.

O dicionário estabelece também que o insulto expressa a “aversão ou menosprezo pelos valores, pela capacidade, inteligência ou direito dos demais” (Houaiss; Villar, 2001, p. 1629). A violência verbal é, de alguma forma, um meio de desqualificar o outro, por isso é que ela pode ferir a imagem do interlocutor, por levá-lo ao descrédito, ideia defendida por Amossy (2014). Quando desqualificamos a pessoa do outro, nós o deslegitimamos; é o mesmo que dizer que ele não tem valor. De acordo com Amossy (2014), outra forma de desqualificar o interlocutor consiste em desqualificar os seus argumentos, situação na qual marcamos uma diferença em relação ao outro, e o levamos ao descrédito, por atribuir-lhe má fé. Por esse motivo é que Kerbrat-Orecchini (2014, p. 47) afirma que a “polidez nunca possui um lugar nas guerras, onde se trata, antes de tudo, de atacar o adversário para vencê-la, e assim também acontece nas guerras metafóricas que são os debates”.

Uma questão importante relativamente à violência verbal é que ela constitui, de acordo com Cabral e Albert (2017, p. 278), “uma transgressão moral e social que conduz sistematicamente à desvalorização do outro, pela violência verbal”. Mas é preciso ir além da desvalorização do outro e observar em que medida a violência cumpre outras funções. A esse respeito, convocamos Terkourafi (2008), para quem a avaliação sobre a rudeza ou a impolidez em determinado contexto requer certa reflexão em torno das intenções do locutor; tal posicionamento nos conduz às questões apontadas na seção anterior, na qual destacamos a importância da intencionalidade como conceito central para a análise das interações verbais, sobretudo aquelas de caráter violento.

A autora mencionada defende a ideia de que, por detrás de uma manifestação verbal de violência, pode estar a intenção de construir a própria imagem, que, segundo Terkourafi (2008) pode envolver construir ou destruir a imagem ou a face do interlocutor. Isso quer dizer que, na composição de seus comentários, no caso do *Facebook*, foco deste estudo, o usuário pode, ao escolher utilizar uma marca de violência, ter como intenção, agredir (um outro usuário, o conjunto dos usuários em interação, o produtor do *post*, o conteúdo do *post*) e, simultaneamente, construir ou fortalecer a sua própria imagem. Encontramos nessa perspectiva posta por Terkourafi (2008) um caráter essencialmente argumentativo para os comentários no *Facebook*, na medida em que a violência expressa uma tomada de posição, um ponto de vista do usuário.

Com respeito à violência nas redes sociais, Cabral e Lima (2018) observam que as manifestações de violência parecem ser mais veementes nesses contextos; ao estudarem interações no

Facebook, essas autoras relatam a ocorrência de violência na exposição de pontos de vista por parte dos usuários. Vale lembrar, com Cabral, Marquesi e Seara (2015) que, nas redes sociais, os usuários podem esconder-se por detrás da máquina e também atrás de identidades falsas, o que lhes assegura tanto a preservação de sua identidade quanto a ausência de risco de agressão física caso ofenda o interlocutor. Segundo essas autoras, essas possibilidades cancelam maior liberdade para expor pontos de vista polêmicos e agredir outros usuários. Na mesma direção, Graham e Hardaker (2017) observam que o anonimato pode garantir a muitos usuários a possibilidade de serem mais sinceros e, por vezes, mais agressivos. Entre as redes sociais, destacamos o *Facebook*, tema da próxima seção.

A rede social *Facebook*

O *Facebook* é uma das redes sociais mais utilizadas, especialmente por adultos. Essa rede social, desde o seu surgimento em 2004, tem mais de 2,3 bilhões de usuários no mundo; o Brasil concentra, aproximadamente, cento e trinta milhões deles, sendo o terceiro país do mundo em número de usuários; ocupa o primeiro lugar a Índia, com trezentos milhões de usuários; o segundo lugar é ocupado pelos Estados Unidos, que contam com duzentos e dez milhões de usuários frequentadores do *Facebook* (Tecmundo, 2019). Podemos assim afirmar que o *Facebook* tem grande alcance e constitui, por consequência, ambiente pertinente para pesquisas linguísticas, dado que as interações que ocorrem nesse ambiente dependem, em grande parte, da linguagem verbal, especialmente da linguagem verbal escrita.

Nas redes sociais, o agrupamento de pessoas não segue as mesmas características da vida cotidiana no mundo real. Se no dia a dia nossos grupos incluem amigos por afeto, pessoas da nossa relação de trabalho, colegas de estudo, família, nas redes sociais, é a semelhança na forma de pensar que une as pessoas, isto é, as pessoas se aproximam conforme seus interesses e suas crenças, ligadas a posicionamentos político-ideológicos, filosóficos, religiosos. Lembramos com Cabral e Lima (2018, p. 40) que “as pessoas que pensam de igual forma se aproximam e constituem suas bolhas de convivência, o que se transforma num ciclo, uma vez que o próprio algoritmo do *Facebook* propicia esses encontros”. Isso quer dizer que, no *Facebook*, por exemplo, interagimos com pessoas com as quais uma convivência na vida real talvez não teria nenhuma possibilidade, por razões diversas.

Seara e Cabral (2017), ao estudarem interações ocorridas no *Facebook*, destacam que “os frequentadores/utilizadores do *Facebook* encontram nesse contexto um espaço aberto para estabelecer, manter ou reforçar as relações interpessoais, e reforçar a sua imagem” (Seara; Cabral, 2017, p. 319). Essas autoras postulam que “embora as interações tenham primordialmente o objetivo de estabelecer e manter relações, não podemos deixar de considerar que, por meio delas, ou para que elas se fortaleçam, entram em jogo as estratégias de construção da identidade” (Seara; Cabral, 2017, p. 314-315). Dialoga com as autoras citadas o pensamento de Georges (2010), segundo quem os ambientes digitais estimulam e liberam a imaginação; essa peculiaridade, conforme explica essa autora, torna possíveis novas experiências que deflagram novas formas de pensar cujos efeitos se dão sobretudo nas relações que se

constroem na rede. A autora observa que, nos contextos digitais, os usuários focam mais seu desejo de expor uma identidade, o que as leva a manifestar-se e a se tornarem mais pragmáticas. Segundo a pesquisadora, cumprem um papel importante, nos contextos tecnológicos, as interações escritas, por meio das quais os usuários desenvolvem processos de argumentação da identidade.

Vai no mesmo sentido o postulado de Graham e Hardaker (2017); para essas estudiosas, as redes sociais são contextos de trabalho relacional nos quais emerge, pela interação, a construção de identidades. Conforme essas autoras, os usuários buscam meios para serem sinceros; elas defendem, conforme já expusemos na seção anterior, que o anonimato pode garantir essa possibilidade aos usuários. Em consequência, o *Facebook* torna-se um ambiente propício discussões polêmicas nas quais cada um defende pontos de vistas inconciliáveis, muitas vezes com vigor e mesmo violência. Por isso é que Amossy (2014) afirma que as redes sociais constituem praça pública do século XXI; nessa praça, de acordo com Cabral e Lima (2017), o que pauta as interações é mais o conflito do que a harmonia.

Estabelecendo uma relação entre a questão da construção de identidade, o desejo de manifestação, o impulso à sinceridade, as garantias de proteção e a violência, cremos ser possível que o emprego de marcas de violência, na medida em que representam um forma de assumir um posicionamento frente a um conteúdo, podem constituir igualmente uma estratégia para a construção de uma identidade no grupo concernido. A violência verbal justifica-se, por conseguinte, pelo seu papel argumentativo e na construção de identidades.

No *Facebook*, as interações acontecem por meio de *posts*, comentários aos *posts* e comentários reativos a comentários. Trata-se de um tomada de posição com respeito a uma manifestação anteriormente enunciada por outro usuário que circula na rede. Essa definição põe em evidência a inseparabilidade entre o comentário e o texto fonte que o originou, ou seja, o *post*, e entre os comentários relacionados a determinado *post*. Do ponto de vista textual, entendemos o comentário, ou o conjunto de comentários, como um texto co-construído, conforme procuraremos evidenciar em nossas análises. Por isso é que consideramos que o comentário é dotado de uma autonomia relativa, pois, embora ele seja o dizer de um usuário individual, ele aponta para o todo da interação, na medida em que manifesta o posicionamento do usuário sobre o tema que está em jogo, mesmo quando esse posicionamento implica desconsiderar o tema ou desviar-se dele.

Com respeito ao estatuto social discursivo do comentário, Seara e Cabral (2017) postulam que o comentário constitui um espaço social público que “permite a construção e a gestão da própria identidade” (Seara; Cabral, 2017, p. 314). Relativamente à construção de identidades, em especial identidades de grupos, salientamos o posicionamento de Castells (2013), cujos trabalhos mostram como as redes sociais propiciam a comunhão de objetivos, instaurando um clima de fraternidade em prol da luta por questões sociais e políticas, em defesa dos direitos do cidadão. Apesar do clima de fraternidade, nesses contextos, a violência, segundo esse autor, se torna pertinente como instrumento de luta, ou como forma de opressão de poderes ditatoriais. O posicionamento de Castells (2013) põe em evidência o papel argumentativo da violência. É preciso lembrar, também, que, além do que destaca Castells (2013), as redes sociais são igualmente palco para discussões violentas, de fortes controvérsias nas quais imperam discursos agressivos, cujos

movimentos são marcados pela desqualificação do outro como forma de defesa de um ponto de vista, logo também como estratégia argumentativa.

Comentários de usuários em uma página institucional do Facebook: violência verbal e argumentação

Nossas análises focalizam, conforme o objetivo estabelecido inicialmente, como a violência verbal constitui estratégia argumentativa no tecido textual construído nos comentários de usuários do *Facebook*. Os comentários que analisamos foram coletados em uma página institucional no *Facebook*. Trata-se da página Mídia Ninja, que é uma organização de cunho jornalístico, sem fins lucrativos. A Mídia Ninja faz um trabalho de jornalismo engajado assumidamente de tendência mais à esquerda. Na data da coleta dos *post* cujos comentários analisamos, 10 de março de 2018, a página a Mídia Ninja contava com 1.795.162 seguidores. Podemos inferir, com base nesse dado numérico, que os *posts* da Mídia Ninja têm amplo alcance na rede, especialmente no *Facebook*.

Antes de iniciarmos as análises, cumpre esclarecer as questões éticas que envolvem a coleta do *corpus*. Com respeito a pesquisas envolvendo a comunicação digital destacamos o posicionamento de Graham e Hardaker (2019). Esses autores ponderam que a pessoas, ao postarem em fóruns online públicos, devem estar cientes de que não podem ter nenhuma expectativa de que seu comportamento não será examinado; os participantes aceitam implicitamente qualquer consequência por escolher fazer suas comunicações acessíveis em um ambiente ao qual outros terão acesso. Graham e Hardaker (2019) observam ainda que o discurso público não está fora do alcance do estudo científico.

Invocamos igualmente Maíz-Arévalo (2019); essa autora ensina que mensagens postadas na internet são consideradas como atos públicos, motivo pelo qual os pesquisadores devem tomar apenas as precauções usuais, como omitir a identidade, preservando o anonimato. Embora o *Facebook* seja um ambiente público e a página Mídia Ninja constitua uma página aberta, que goza da prerrogativa da publicidade, seguimos as orientações dessa autora e, a fim de garantir a confidencialidade, transcrevemos as mensagens, sem imagens dos usuários. Na transcrição dos comentários omitimos a identificação dos usuários, utilizando, conforme procedimento adotado por essa autora, I1U1, I1U2, I1U3, para usuário 1, usuário 2, usuário 3 na interação 1; I2U1, I2U2, I2U3, para usuário 1, usuário 2, usuário 3 na interação 2, e assim por diante, seguindo a ordem em que os comentários foram postados. Acrescentamos a U a desinência de masculino “o” ou feminino “a” conforme o nome original dos usuários produtores dos comentários. Esclarecidas as questões éticas, passamos à exposição dos procedimentos de coleta e à análise do *corpus* propriamente dita.

Em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, a Mídia Ninja divulgou, em sua página no *Facebook*, uma campanha lançada pela Secretaria Municipal de Políticas para as Mulheres de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. O *post* é composto de um texto explicativo da campanha e de fotos, em branco e preto de mulheres com marcas físicas de violência tendo nas mão cartazes com a transcrição manuscrita de excertos de canções variadas, as quais estimulam a violência contra a mulher e o feminicídio. A figura que a seguir constitui a imagem do *post* da Mídia Ninja.

Figura 1. Post da página Mídia Ninja no dia Internacional da Mulher



Fonte: Mídia Ninja (2019).

Transcrevemos a seguir o texto contido no *post*:

Em denúncia ao machismo, feminicídio e cultura do estupro, a campanha “Música e Construção de Gênero” lançada pela Secretaria Municipal de Políticas para as Mulheres de São Leopoldo vira exposição denunciando violência contra mulher presentes nas letras de músicas famosas. (Mídia Ninja, 2019, p. 1)

O *post* divulga uma campanha que utiliza uma série de música machistas e tem por objetivo exatamente chamar a atenção dos usuários para a problemática do sofrimento feminino que, em virtude do machismo, muitas vezes culmina em feminicídio. O *post* também pretende uma crítica à cultura do estupro. Esse *post* teve 2,3 mil curtidas e 2.261 compartilhamentos. Entre os comentários selecionados como sendo relevantes pela própria página do Facebook, foram coletados 136 exemplos, entre os quais selecionamos o *corpus* que analisamos neste trabalho. Como critério de seleção, elegemos os comentários que suscitaram mais de cinco comentários reativos. Três comentários se encaixaram nesse critério. Considerando nosso interesse pelas marcas de violência verbal, entre os três selecionados, excluímos um comentário cujas respostas, em sua maioria, não continham marcas explícitas de violência. Perma-

neceram para análise dois comentários, isto é, dois conjuntos de interação compostos pelo comentário inicial e comentários reativos.

Para a análise da argumentação, consideramos o conjunto composto do comentário inicial e os comentários reativos relacionados a ele. Como procedimento de análise, observamos como se constrói o percurso argumentativo do comentário inicial e dos comentários reativos e destacamos as marcas de violência tendo em vista a importância de marcas linguísticas para evidenciar a violência, e verificamos como essas marcas constituem estratégias para a argumentação.

Na sequência, analisamos as duas interações selecionadas.

Comentário inicial da interação 1:

I1Ua1 – Engraçado é que, quando essas músicas tocam em festas, todo mundo canta, até mulher. Parem de ver machismo em tudo, que saco!

O comentário inicial suscitou sete comentários reativos, selecionadas pelo *Facebook* como “mais relevantes” e que transcrevemos a seguir:

(1) I1Ua2 – mulher também é machista ... a campanha é justamente para entendermos essa cultura escrota que está realmente em tudo. é possível fazer músicas que não sejam sexistas. a arte pode e deve ser um agente de mudanças. e se o machismo está aí, ele será visto. vamos ver machismo em tudo.

(2) I1Ua3 – Pare de querer mandar no protesto dos outros, que saco! Kkkkkk um pouco de ironia para vc entender que vc não é obrigada, assim como ninguém é obrigado. Se não fosse relevante, não estava em pauta.

(3) I1Ua4 – Não vamos parar, nunca, vamos denunciar sempre. Defendemos você também, ou vc acha que também não é um saco ver comentários como o teu.

(4) I1Ua5 – ah o conformismo machista na fala de uma mulher ...

(5) I1Ua6 – Vou olhar as músicas cantadas por mulheres, pera

(6) I1Ua7 – Engraçado que vc diz “todo mundo” para poder se incluir. Antes não se via tanto machismo, agora se vê, talvez pela conscientização das pessoas, de procurar o quê está errado na nossa sociedade, o quê perpetua à violência de gênero contra a mulher, se não quando? Ou também a violência não existe para vc?

(7) I1Ua8 – Pare de ser alienada!

No comentário inicial, I1Ua1 destaca que há um comportamento usual o qual consiste em aceitar e até mesmo demonstrar agrado pelas músicas de cunho machista destacadas no *post*: “todo mundo canta, até mulher”. Tal comentário põe em evidência certa displicência que vigora na sociedade relativamente à questão do machismo, sugerindo que as pessoas apenas prestam atenção ao problema quando há uma campanha, mas o ignoram no seu dia a dia, como em “festas” tal como mencionado no comentário. Esse fato serve de argumento para a tese com a qual I1Ua1 encerra seu comentário e com a qual ela busca anular o valor do *post*, desqualificando-o: “Parem de ver machismo em tudo, que saco!”.

O emprego do verbo “parar” no imperativo explicita a incitação à interrupção de um comportamento, “ver machismo em tudo”, e a discordância relativamente a esse comportamento. Essa escolha argumenta em favor da discordância de que que as músicas destacadas no *post* sejam machistas. E, para finalizar, I1Ua1 manifesta um sentimento de desagradado: “que saco”. Trata-se de uma marca explícita de violência, sobretudo em espaço público, como é o *Facebook*. A escolha por uma expressão de

baixo calão é elemento de construção de uma identidade de força por parte da usuária. Como se, diante de um *post* que fala de violência, para combatê-lo, fosse necessário também ser violenta.

As estratégias linguísticas de construção do comentário inicial se refletem nos comentários reativos dos demais usuários. Assim, no primeiro comentário reativo, argumentando contrariamente ao conteúdo do comentário inicial, I1Ua2 utiliza a mesma estrutura de composição do enunciado de I1Ua1, invertendo a negação contida no comentário inicial, invertendo igualmente a direção argumentativa do enunciado. O emprego da mesma estrutura serve para reforçar a campanha contida no *post*: “vamos ver machismo em tudo”.

Também seguindo os procedimentos do comentário inicial, I1Ua2, em se comentário reativo, traz igualmente vocabulário violento: “a campanha é justamente para entendermos essa cultura escrota que está realmente em tudo”. O adjetivo “escrota” para qualificar a cultura machista segue o tom violento do comentário inicial. Podemos assim dizer que I1Ua2 busca mostrar igualdade de força com I1Ua1, apropriando-se de suas formas de dizer e utilizando-as contra ela própria.

O segundo comentário reativo segue os mesmos procedimentos, isto é, I1Ua3 utiliza a mesma estrutura com verbo “parar” no imperativo, finalizando o enunciado com a expressão “que saco”: “Pare de querer mandar no protesto dos outros, que saco!”. I1Ua3, em seguida, explicita que a sua retomada do enunciado do comentário inicial é uma ironia para sensibilizar I1Ua1 a quem ela responde: “Kkkkkk um pouco de ironia para vc entender (...)”. Esse procedimento metadiscursivo consiste numa forma implícita de agredir I1Ua1, produtora do comentário inicial, por deixar subentendido que ela poderia não compreender a ironia na utilização de estrutura paralela para responder ao comentário inicial, daí a necessidade de explicar.

O terceiro comentário reativo retoma o mesmo verbo do comentário inicial, negando a incitação proposta: “não vamos parar nunca”; I1Ua4 retoma também o mesmo termo violento, “saco”, para manifestar desagrado: “vc acha que também não é um saco ter que ver comentários como o teu”. Há uma crítica expressa ao comentário inicial que se estende a I1Ua1, que o produziu. A desqualificação do comentário inicial conduz ao descrédito de I1Ua1, responsável pela sua produção, o que se dá pelo emprego da expressão “um saco”. Não se pode negar que o emprego desta palavra de baixo calão seja uma forma violenta de desqualificar o outro. No comentário reativo número sete I1Ua8 também expressa uma crítica direta a I1Ua1. Essa crítica tem teor violento pelo emprego do adjetivo de valor pejorativo “alienada”, desqualifica a pessoa de I1Ua1, produtora do comentário inicial sobre o qual os comentários reativos assumem uma posição contrária.

Os comentários reativos quatro, cinco e seis não utilizam palavras de teor violento. Cumpre, mesmo assim, destacar o percurso argumentativo do comentário reativo seis, em que, sem recorrer à violência explícita, I1Ua7 procura desqualificar I1Ua1, que produziu o comentário inicial e é alvo de crítica. Inicialmente, I1Ua7 denuncia a estratégia linguística de caráter inclusivo utilizada por I1Ua1, afirmando que I1Ua1 utilizou uma marca de discurso para incluir-se entre aqueles que ouvem músicas machistas sem incomodar-se com seu conteúdo: “todo mundo”. Segue uma explicação que recorre à transformação social, pelo processo de conscientização do problema. I1Ua7 encerra seu comentário reativo com uma pergunta que tem valor de cobrança em relação ao comentário inicial de I1Ua1: “Ou também a violência não existe para vc?”. Podemos afirmar que, para além da cobrança, essa pergunta

final evidencia a construção de uma imagem negativa relativamente a I1Ua1, ao deixar implícito que a ela faz uma avaliação equivocada do problema em discussão.

Comentário inicial da interação 2:

I2Uo1 – Ouvi todas essas músicas. Até agora não deu vontade de ir na esquina estuprar ninguém.

O comentário inicial da interação dois suscitou sete comentários reativos, selecionadas pelo *Facebook* como “mais relevantes” e que transcrevemos a seguir:

- (1) I2Ua2 – E acha q merece uma estrelinha por isso? Não querer violentar é sua obrigação de macho. A obrigação de quem tem consciência é denunciar a naturalização da contra as mulheres (o q nao é o seu caso)
- (2) I2Uo1 – As fotos estão querendo dizer que essas musicas são apologia ao estupro, violência... Faz teu papel de fêmea do século XXI e aprende interpretação das coisas.
- (3) I2Ua3 – Ajudam sim a criar a figura da mulher objeto de propriedade do seus senhor, o homem, como mensagem subliminar evidentemente que o efeito não é tão rápido que leve alguém a correr para estuprar alguém, a influencia se dá através do tempo, nas relações domésticas, e lógico nem todos os homens absolver essas mensagens, depende do nível cultural e do caráter.
- (4) I2Ua4 – Meu deus, olha que ser evoluído! Não sentiu vontade de ser criminoso. Tô espantada aqui.
- (5) I2Uo1 – Viu só
- (6) I2Ua5 – Senta lá I2Uo1. É não enche!
- (7) I2Uo1 – Ta bom :c

Cumpramos esclarecer que, entre os sete comentários reativos que ocorreram na Interação dois, três foram produzidos pelo próprio usuário que postou o comentário inicial. Houve, no conjunto dos comentários, uma interação entre usuárias que se manifestaram por meio de comentários reativos e o próprio usuário produtor do comentário inicial, I2Uo1, que respondia às demais usuárias, manifestando-se em relação comentários reativos delas. A dinâmica, nessa segunda interação, é diversa daquela que se desenvolveu relativamente ao comentário inicial da interação um, em que todos comentários reativos dirigiam-se unicamente ao comentário inicial.

No comentário inicial, I2Uo1 é bastante agressivo e essa agressividade recai não apenas sobre o *post* que destaca mulheres agredidas, mas resvala a todas as usuárias que se sentem sensibilizadas pela situações de risco mostradas no *post*. A agressividade do comentário inicial consiste na possibilidade levantada pelo usuário de “sentir vontade de ir na esquina estuprar”. O verbo “estuprar” encerra um ato de extrema violência, é um ato criminoso. Assumi-lo como algo de que se pode ter “vontade” é banalizar a agressão e o crime, desconsiderá-los, e, ao fazê-lo, o usuário desconsidera e desqualifica todas as mulheres.

A agressividade do comentário inicial de I2Uo1 não suscitou respostas igualmente agressivas, mas sobretudo manifestação de indignação, de repulsa e de reprovação, algumas mais agressivas, com emprego de palavras dotadas de certa força como “macho”, presente no comentário reativo um, em que

I2Ua2 alerta: “Não querer violentar é sua obrigação de macho”. Escolher “macho” em vez de “homem” é uma forma de desqualificar o interlocutor, por meio da animalização. Machos podem ser homens, mas também podem ser animais não racionais; essa escolha explicita a avaliação negativa. Em compensação, I2Ua2 utilizou um verbo menos forte do que estuprar, escolhendo “violentar”, o que atenua seu dizer. Notamos assim um movimento que oscila entre o ataque e o recuo na disputa argumentativa.

Em sua resposta, I2Uo1, por meio do comentário reativo dois, retoma o dizer de I2Uo2, com a palavra “fêmea”, que marca a continuidade do jogo interacional e polêmico entre os usuários. O comentário reativo de I2Uo1 argumenta em favor do comentário inicial produzido por ele mesmo; nele, I2Uo1 avalia o conteúdo do *post* como qualificador das músicas ali expostas como “apologia ao estupro”. I2Uo1 marca que sua não concordância de que as músicas cujos excertos são mostrados no *post* incitem a violência contra a mulher ou sejam machistas. Podemos estabelecer uma relação entre esse comentário reativo e o comentário inicial; O comentário de I2Uo1 justifica o comentário inicial e, desse ponto de vista, argumenta em favor dele. I2Uo1 defende seu ponto de vista.

No comentário reativo três, I2Ua3 expõe um raciocínio explicativo. Trata-se de resposta o comentário reativo dois e não ao comentário inicial propriamente dito, ambos produzidos por I2Uo1. O raciocínio explicativo busca oferecer dados em favor da tese defendida no *post* de que as músicas ali expostas reforçam o machismo e cancelam a violência contra a mulher.

No comentário reativo quatro, I2Ua4, por sua vez, traz uma avaliação irônica de teor negativo de I2Uo1: “olha que ser evoluído!”. I2Ua4 desqualifica I2Uo1 manifestando espanto pelo fato de que ele não desejar “ser criminoso”, em referencia a “vontade de ir (...) estuprar”. A expressão “ser criminoso”, recategoriza o verbo “estuprar” atenuando seu valor agressivo, como aconteceu no comentário reativo um, em que I2Ua2 utiliza o verbo “violentar” no lugar de “estuprar”. Novamente, temos a sensação de que a violência extrema encerrada no verbo “estuprar” empregado pelo comentário inicial inibe as manifestações das usuárias que reagem a ele, impondo maior cuidado na escolha de formas de marcar a desqualificação do outro.

Em uma atitude provocativa, I2Uo1 responde a I2Ua4, numa atitude de enfrentamento, que, embora não tenham marca explícita de agressividade, encerra o descaso para com a indignação das usuárias em relação a seu comentário inicial. Em resposta I2Ua4, que critica ironicamente o fato de I2Uo1 não sentir vontade de violentar, avaliando como algo espantador, pela possibilidade assumida de sentir vontade contida nessa enunciação, I2Uo1 comenta: “Viu só”. Esse dizer reafirma a possibilidade de que esse desejo seja viável e torna-se uma demonstração de escárnio perante o comentário de I2Ua4.

O comentário reativo seis encerra a discussão, não com um argumento, mas com uma ordem de I2Ua5, o enunciado de caráter injuntivo “Senta lá” “É não enche!”. No conjunto das mensagens, fica a impressão de que uma voz de comando, forte, firme, violenta em certa medida, silencia I2Uo1, o qual limita-se a concordar: “Ta bom”, tal como uma criança obediente que acata a voz de autoridade.

Podemos afirmar que, na interação dois, ocorreu, no conjunto textual composto pelo comentário inicial e os comentários reativos, um jogo interacional no qual a agressividade do comentário inicial inibiu uma possível agressividade nos comentários reativos, como se uma ameaça de estupro acuasse as usuárias.

Conclusão

Iniciamos este trabalho expondo a necessidade de se refletir como as pesquisas sobre texto podem oferecer perspectivas para compreendermos as interações verbais escritas que ocorrem nas redes sociais, mas cientes de que ainda encontramos limites para essa compreensão e apreensão. Propusemos duas perguntas que orientaram o desenvolvimento do artigo: que aspectos textuais e linguísticos podem ser pertinentes para analisarmos as interações verbais violentas que ocorrem nas redes sociais?; como a violência verbal atua na construção da argumentação nesses contextos?

Relativamente à primeira pergunta, pudemos observar, durante as análises, que as interações entre usuários em torno de comentários do Facebook, *corpus* específico deste trabalho, apresentam-se como uma co-construção textual, na qual as estratégias linguísticas utilizadas por um usuário se refletem nas contribuições dos demais. Há, por exemplo, recorrência de termos, com emprego dos mesmos itens lexicais, semelhança na estrutura composicional de enunciados, o que sugere que os usuários buscam manter certa identidade do grupo de discussão de que estão participando. Podemos afirmar que os usuários produzem juntos um texto co-constuído, argumentativamente orientado, no qual eles expõem pontos de vista, constroem identidades, ora aproximando-se dos demais usuários, ora marcando a diferença em relação a eles. Com base nas análises realizadas, podemos afirmar que, na co-construção textual, o dizer de um usuário exerce influência sobre a continuidade da interação, estabelecendo um procedimento linguístico discursivo orientado pelo dizer do outro. A intencionalidade mostrou-se ser um aspecto textual importante para observar esses fenômenos.

Com respeito à segunda pergunta, as análises indicaram que, no jogo argumentativo e discursivo, a violência verbal é utilizada de forma estratégica, com vistas a marcar uma posição e, simultaneamente, marcar o pertencimento a um grupo com qual o usuário se identifica. Além disso, ela também é forma de marcar um dizer do grupo, pois as palavras violentas utilizadas no comentário inicial são retomadas nas respostas, evidenciando, mesmo com discordância de pontos de vista, uma identidade de grupo. Ficou claro, no entanto, que em determinados contextos, a violência na sua forma mais extrema e explícita de um usuário pode inibir as manifestações violentas de outros, mas não impede que estes exponham seus pontos de vista. O *Facebook* mostra-se assim como um espaço de diálogo em que pontos de vista são apresentados na co-construção textual discursiva. Nesse contexto, a argumentação nos comentários, mais do que convencer ou outro, diz respeito à apresentação de um ponto de vista sobre o dizer do outro, encerrando essencialmente uma dimensão argumentativa, por meio da qual cada usuário reafirma seus posicionamentos.

Cabe finalmente destacar que as pesquisas relativas aos contextos digitais, nos quais se incluem as redes sócias, foco deste trabalho, acontecem juntamente com o constante e diário desenvolvimento de novas tecnologias que propõem novas possibilidades e novos desafios. Nesse sentido, muito há que investigar. No caso das redes sociais, nossa tentativa de compreender as interações e a troca discursiva que se desenvolve nesses ambientes não dá conta de todas as questões envolvidas nessas interações; essa constatação nos alerta para a necessidade de seguirmos pesquisando.

Referências

- AMOSSY, R. 2014. *Apologie de la polémique*. Paris, PUF, 239 p.
- AMOSSY, R. 2006. *L'argumentation dans le discours*. 2^{ème} éd. Paris, Armand Colin, 275 p.
- BROWN, P.; LEVINSON, S.C. 1999. *Politeness some universals in language usage*. New York, Cambridge University Press, 345 p.
- CABRAL, A.L.T. 2014. Interações verbais em ambientes virtuais: cortesia, descortesia e mal-entendido. In: I.R. SEARA (ed.), *Cortesia: olhares e (re) invenções*. Lisboa, Chiado Editora, p. 497-518.
- CABRAL, A. L. T. 2016. Texto e argumentação nas redes sociais: planos de texto, sequências textuais e estratégias linguísticas. In: F.A. FERREIRA; C.A.B. LUDOVICE; J. PERNAMBUCO. *O texto: processos, práticas, abordagens teóricas*. Franca, Unifran, p. 143-168.
- CABRAL, A.L.T.; MARQUESI, S.C.; SEARA, I.R. 2015. L'articulation entre le descriptif et les émotions dans l'argumentation en faveur de Dominique Strauss-Kahn. In: A. RABATEL; M.MONTE; M.G.S. RODRIGUES (eds.), *Comment les médias parlent des émotions l’Affaire Nafissatou Diallo contre Dominique Strauss-Kahn*. Limoges, Lambert-Lucas, p. 307-323.
- CABRAL, A.L.T.; LIMA, N.V. 2017. Argumentação e polêmica nas redes sociais: o papel de violência verbal. *Signo*, 42(73):86-97. <http://dx.doi.org/10.17058/signo.v42i73.8004>
- CABRAL, A.L.T.; LIMA, N.V. 2018. Interações conflituosas e violência verbal nas redes sociais: polêmica em comentários no Facebook. *Revista (Con) textos Linguísticos*, 12(22):39-58. <http://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/20626/14231>
- CABRAL, A.L.T.; ALBERT, S.A.B. 2017. Quebra de polidez na interação: das redes sociais para os ambientes virtuais de aprendizagem. In: A.L.T. CABRAL; I.R. SEARA; M.F. GUARANHA (org.). *Descortesia e Cortesia: expressão de culturas*. São Paulo, Cortez, p. 267-294.
- CASTELLS, M. 2013. *Redes de indignação e esperança movimentos sociais na era da Internet*. Rio de Janeiro, Zahar, 217 p.
- CULPEPER, J. 2011. *Impoliteness using language to cause offense*. Cambridge, Cambridge University Press, 292 p.
- DUCROT, O. 1984. *Les mots du discours*. Paris, Minuit, 237 p.
- FACEBOOK. 2019. *Mídia Ninja*. Disponível em: https://www.facebook.com/search/top/?q=M%C3%Adia%20Ninja%20feminicidio&epa=SEARCH_BOX. Acesso em: 18/08/2019
- GEORGES, F. 2010. *Identités virtuelles les profils utilisateur du Web 2.0*. Mercuès, éditions Questions théoriques, 204 p.
- GOFFMAN, E. 1981. *Forms of talk*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 335 p.
- GRAHAM, S.L.; HARDAKER, C. 2017. (Im)politeness in digital communication. In: J. CULPEPER

PER; M. HAUGH; D.Z. KÁDÁR. *The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness*. London, Palgrave Macmillan, p. 785-814. https://doi.org/10.1057/978-1-137-37508-7_30

GRICE, P. 1989. *Studies in the way of words*. Cambridge, Harvard University Press, 232 p.

HOUAISS, A.; VILLAR, M.S. 2001. *Dicionário houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2922 p.

KÁDÁR, D.Z. 2019. *Politeness, impoliteness and ritual maintaining the moral order in interpersonal interaction*. London, Cambridge University Press, 262 p.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. 1992. *Les interactions verbales, tome I*. Paris, Armand Colin, 318 p.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. 2017. Abordagem intercultural da polidez linguística: problemas teóricos e estudo de caso. In: A.L.T. CABRAL; I.R. SEARA; M.F. GUARANHA (org.). *Descortesia e Cortesia: expressão de culturas*. São Paulo, Cortez, p. 17-55.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. 2014. Polidez e impolidez nos debates políticos televisivos: o caso dos debates entre dois turnos dos presidentes franceses. In: I.R. SEARA, (ed.). *Cortesia: olhares e (re) invenções*. Lisboa, Chiado Editora, p.47-82

MAÍZ-ARÉVALO, C. 2019. Losing face on Facebook: linguistic strategies to repair face in a Spanish common interest group. In: P. BOU-FRANCHE; P.G.C. BLITVICH (eds.). *Analysing Digital Discourse New Insights and Futures Directions*. Cham, Palgrave Macmillan, p. 283-309. https://doi.org/10.1007/978-3-319-92663-6_10

MILLS, S. 2017. Sociocultural Approches to (Im)politeness. In: J. CULPEPER; M. HAUGH; D.Z. KÁDÁR. (eds.). *The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness*. London, Palgrave Macmillan, p. 41-60. https://doi.org/10.1057/978-1-137-37508-7_3

PLANTIN, C. 1996. *L'argumentation*. Paris, Seuil, 96 p.

SANDIG, B. 2009. O texto como conceito prototípico. In: H.P. WEISER; I.B.V. KOCH. *Linguística Textual perspectivas alemãs*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, p. 47-72.

SEARA, I.R.; CABRAL, A.L.T. 2017. O comentário elogiativo nas redes sociais: estratégias de cortesia valorizadora. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 3:311-332. <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln3ano2017a17>

TECMUNDO. 2019. *Brasil é o terceiro país com mais usuários no Facebook*. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/139130-brasil-terceiro-pais-usuarios-facebook.htm>. Acesso em: 15/08/2019.

TERKOURAFI, M. 2008. Toward a unified theory of politeness, impoliteness and rudeness. In: D. BOUSFIELD; M.A. LOCHER, (eds.). *Impoliteness in Language*. Berlin, New York, Mouton de Gruyter, p. 45-74.

Submetido: 10/10/2019

Aceito: 10/11/2019